



Práticas discursivas e identidade etnicorracial: a esfera da profissão em evidência

Francisca Ramos Lopes¹
UERN/PRADILE

Resumo: Neste artigo, o objetivo proposto é problematizar o processo de constituição identitária de professores/as negros/as com ênfase nas principais ocorrências ao longo do percurso em busca de um espaço profissional. Metodologicamente, a pesquisa é de base qualitativo-interpretativista, usando-se como técnica de geração dos dados a produção de narrativas escrita. Os investigados, docentes negros e negras, estão sendo considerados como sujeitos que têm sua trajetória inscrita em um espaço histórico, social e cultural. A teorização advém da AD francesa e dos estudos culturais. Os dados, oriundos da tese de doutorado de Ramos-Lopes (2010), evidenciam que há uma imbricação entre a identidade pessoal e a social/profissional, pois a percepção que os sujeitos têm de si não se forma no vazio e sim, marcada pelas categorias de pertença, pela sua estória de luta, pelos espaços conquistados e pela situação anterior e atual em relação ao eu e ao outro.

Palavras-chave: Práticas discursivas; Linguagem; Identidade etnicorracial.

Abstract: This study aims at confronting the process of black teachers' identity formation with emphasis on the major events along the course so that they can find out (search for) professional opportunity. Methodologically, this study is based on qualitative-interpretive research that uses as a data generation method the production of written narratives. The participants, black female and male teachers, are being considered as subjects who have their own registered trajectory in a historical, social and cultural space. This paper is based on the French DA and the cultural studies. The data, which arise from the doctoral thesis of Ramos-Lopes (2010), show that there is an overlap between personal and social/professional identity, because the perception that subjects have of themselves is not formed in a vacuum but, it is marked by categories of belonging, by their story of struggle, by conquered spaces and by previous and current situation in relation to the self and the other.

Keywords: Discursive practices; language; ethical identity.

1. Introdução

Nesta produção, a linguagem está sendo considerada como um elemento vivo que produz significações múltiplas, prioriza sujeitos que se movimentam, falam e estão inseridos

¹ francisca.l@bol.com.br



em determinadas realidades sociais. Desse modo, a pesquisa observa a linguagem por meio de um discurso situado. A concepção de identidade relaciona-se não ao que o sujeito é, mas ao que ele se torna, constituindo-se do modo como eles são representados e como essa representação influencia na forma de se retratarem.

No decorrer da produção perscruto a possível relação entre as identidades profissionais, a formação e o item “raça/cor”. Para isso discuto o processo de constituição identitária de professores negros/as com ênfase nas principais ocorrências ao longo do percurso em busca de um espaço profissional. Acredito que independente da “cor/raça”, a luta por se afirmar profissionalmente é algo que se evidencia em todos os processos de constituição identitária dos sujeitos. O exercício efetivo de uma atividade remunerada adquire entre as pessoas grande relevância econômica e social, o que contribui para a diminuição do *status quo* do homem branco sobre o negro. Assim é possível que, na esfera das profissões, a discriminação e preconceito raciais se revelem de forma mais acentuada. (ALBUQUERQUE & SILVA, 2005).

Também penso que a “a identidade é sempre delimitada e particular. Ela circunscreve as divisões e os subconjuntos em nossas vidas sociais e ajuda a definir as fronteiras entre nossas tentativas locais e irregulares de dar sentido ao mundo” (GILROY, 2007, p. 124). Tentativas que discursivamente são atravessadas por uma multiplicidade de vozes as quais não conseguem admitir que os sujeitos negros, tanto quanto os de outro pertencimento étnico-racial, sejam detentores de certas competências e habilidades profissionais.

Além da introdução, conclusão e referências o artigo se constitui por duas seções teóricas analíticas as quais apresentam narrativas escritas, de dois docentes negros com os nomes fictícios de Vencedor e Marreiro. As narrativas são extraídas da tese de Ramos-Lopes (2010).

2. Desejo de mobilidade social: diálogo com Vencedor

Nas práticas discursivas, as identidades são elementos que demarcam fronteiras. Elas vão se constituindo nas relações sociais, econômicas, políticas, culturais com foco nas diferenças que vão sendo estabelecidas de acordo com as relações de classe, de sexo, de consumo, de poder, idade, dentre outras. Uma das formas de se negar o espaço do outro é



negando sua existência, anulando sua identidade e, portanto, tornando-o invisível frente ao mundo que o cerca (RIBEIRO, 2008). A anulação da identidade ocorre pelo preconceito econômico, de cor, de escolarização etc. Tem sido cada vez mais comum encontrar sujeitos pertencentes a grupos discriminados que procuram estratégias de resistências para saírem da invisibilidade a eles destinada e constroem um novo modo de vida, tecendo novas formas de viver, novas identidades. Nesse sentido, Hall (2003, p. 21) destaca:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Compreendo que o sujeito pós-moderno é capaz de romper com a hierarquia, a ordem social vigente e construir diferentes interpelações ou representações para si e para o outro. Esse é um processo que nas práticas discursivas acontece atravessado por negociações de sentidos, jogos de polissemia, choques de temporalidades os quais se transformam continuamente e que em cada nova época dão um novo corpo e uma nova vida às identidades construídas e reconstruídas nas interações sociais (SANTOS, 2008).

O professor Vencedor se identifica como natural de Açu, RN, 27 anos, graduado em Letras, Professor de língua portuguesa há seis anos, cursando Mestrado em Estudos da linguagem. Solteiro. Exerce uma carga horária semanal de 40 horas. Filho de agricultores. Os principais motivos que o impulsionaram a continuar seu processo de formação continuada foram a qualificação profissional e a necessidade da titulação para poder participar de concursos cujo requisito mínimo é a titulação de especialista.

A sequências narrativas a seguir me autorizam a iniciar essa discussão acreditando que a realidade social que atinge os trabalhadores, considerados em seu conjunto, é muito mais difícil e perversa quando se trata dos negros. Esses constituem o maior contingente de desempregados e quando empregados, com algumas exceções, ocupam funções de menor remuneração, além de postos hierarquicamente subalternos, em uma clara demonstração da desigualdade racial que caracteriza o mercado do trabalho brasileiro (ALBURQUERQUE & SILVA, 2005).



Sequência narrativa 01

Essa conversa de preconceito claro que existe e muito. As pessoas são discriminadas por serem gordas, pobres, analfabetas, prostitutas, idosas, etc. Agora sinto na pele que se a cor for escura o preconceito é mais acentuado. O pior que ninguém assume isso, mas agem no silêncio, nos olhares, com as piadas. Se a pessoa for preta e estudar, se formar tem um trabalho passa a ser mais bem vista, mais bem aceita, mas mesmo assim ainda é vista, olhada de forma diferente (Sol/ narrativa escrita).

Sequência narrativa 02

Quando chega um profissional negro na escola [...] A reação/ primeiro é de surpresa né/ de curiosidade. O que será que vem fazer aqui. Então nunca se pensa que é um engenheiro nem que é um doutor. Sempre se pensa que é uma categoria inferior. Um profissional inferior ao que nós/ como que a gente bem viu no texto passado: que todos são importantes e precisam ser diferentes pra que as coisas caminhem né? Todos têm que se especializar numa função diferente. Mas se pensa logo isso justamente por causa da cor mesmo. Então/ quer dizer: negro não pode ser médico. Não pode ser presidente. Não pode ser engenheiro. Não pode se destacar na sociedade mesmo assim/ de coisas boas não. Agora quando você vê assim/ por exemplo: um rapaz bem bonito que pratica um crime. Que seja violência ou de morte/ ou de estupro/ sei lá de que né? Então o que é que se diz? Se diz o quê? Mas como é que pode? Tão bonitinho. Mas tão bonitinho. O que será que levou você a isso? E tal. Aí quando você vê essas mesmas práticas por uma pessoa negra: é muito vagabundo. Um vagabundo desse era pra apanhar mesmo até ficar estirado lá no chão né? (Maresia/ entrevista semiestruturada individual)

Em uma pesquisa realizada por Figueiredo (2002) sobre os profissionais liberais negros de Salvador, ela relata que os entrevistados reconhecem a importância da escolarização no processo de ascensão social, além de acrescentar que mesmo o investimento com a educação sendo um projeto comum às diversas classes sociais, a concretização dele depende de outras variáveis sociais, por exemplo, a situação financeira da família. Desse modo parece comum que por meio de muita resistência, os negros começam a transformar o imaginário entorno de si, para amenizar ou, o que seria ideal, eliminar os estigmas os quais discursivamente circulam em relação ao ser negro (PINHO, 2004). A esse respeito, o professor vencedor em uma narrativa escrita afirmou:

Sequência narrativa 03



Por falar na questão profissional, é importante mencionar que senti dificuldade de encontrar espaço para exercer a minha profissão, já que por morar na zona rural e por ser negro as pessoas não davam muita importância para as minhas habilidades, consideravam a questão da cor como fator revelador de falta de competência, de conhecimento e fechavam as portas. Lembro-me que um dia resolvi sair e pedir oportunidade para ensinar num colégio que estava precisando de professores, para minha infelicidade, senti na pele a falta de atenção e descaso para com o meu interesse, o que se resumia simplesmente a uma questão racial. Porém, graças a Deus, o senhor providenciou-me uma pessoa muito importante para o início de minha vida profissional, uma pessoa que depositou em mim a credibilidade, confiança, acreditando na minha capacidade. [...] Ela convidou-me para trabalhar em uma escola onde exercia a função de supervisora, lá comecei a ensinar em turmas do ensino médio, garantido decisivamente o meu espaço (Vencedor/ narrativa escrita).

Independente de o sujeito ser ou não negro percebe-se que a formação acadêmica não é suficiente para nas práticas cotidianas garantir o exercício de uma profissão. No caso específico, acentua-se tanto a questão social, pobre e residente na zona rural, quanto à racial, negro, no entanto, formado. A conclusão do curso, no percurso de vida desse professor, era considerada como o principal passo para seu processo de ascensão social.

Na trajetória exposta por Vencedor, um dos sentidos revelados foi que seus traços fenotípicos se configuraram em um elemento decisivo no processo de constituição de sua identidade. Por isso, conjectura-se que seu desejo de mobilidade espacial e social assemelha-se a algumas das averiguações de Figueiredo (2002, p.14):

A ascensão social dos negros acaba por se configurar em um paradoxo, pois, se por um lado à sociedade capitalista incentiva o processo de ascensão e, consequentemente, do consumo - ou seja, trata-se de “ganhar dinheiro” e “vencer na vida”-, por outro, a mudança de posição dos negros na estrutura socioeconômica tende a ser vista como uma traição, um modo de dar as costas à cultura negra e ao passado de pobreza, à situação em que se encontra a maioria dos negros hoje.

Em outros termos, os negros que transcendem a barreira da cor e da classe conseguindo mobilidades variadas, por exemplo, escolarização, moradia, lazer, consumo etc., passam a incomodar certa parcela da sociedade que se considera detentora do poder. O entrevistado conclui sua narrativa enunciando:



Sequência narrativa 04

Esta primeira oportunidade transformou-se não só na realização de um sonho, mas também no despertar para outras pessoas e principalmente outras escolas as quais me convidaram para ensinar. Hoje, em se tratando de família e profissão, tenho uma vida organizada, trabalho na rede particular de ensino, sou funcionário público e tenho um contrato provisório na universidade onde me formei, exercendo a função de professor substituto (Vencedor/ narrativa escrita).

Mesmo com uma história de vida em que as adversidades, o preconceito e a discriminação se configuraram como elemento central, o docente teve a seu favor o incentivo da família, a determinação, a dedicação e o desejo de vencer, além da “consciência” de que, em detrimento de sua ascendência negra e da condição social, era inferiorizado, o que o conduziu a lutar com mais persistência.

As forças elencadas como peculiares às ações de Vencedor não se revestem em características gerais dos indivíduos. O que me conduz a pensar nas possíveis dificuldades vivenciadas socialmente por outros sujeitos que, em suas particularidades, não têm essas características, mas, ainda assim, vivenciaram ou vivenciam situações discriminatórias/ preconceituosas como as expostas. Será que conseguem vencer tais obstáculos? Ou será que permanecem no anonimato?

A esse respeito, pensando nas diferentes formas de “ser negro” e de assumir a “negritude”, compreendo, conforme a discussão de Figueiredo (2002) que esse participante da pesquisa, no condizente a própria forma de se perceber enquanto negro, se insere em um grupo denominado, pela pesquisadora, de “alternativos”, ou seja, os sujeitos reconhecem as práticas discriminatórias/ preconceituosas, as quais, historicamente, produzem efeitos de verdade, em seu meio social, mas se relaciona com o problema de forma individualizada. Veja-se que Vencedor em sua narrativa afirma “[...] exerço a profissão de professor, a qual me custou uma árdua luta para alcançá-la e, principalmente, para encontrar espaço na sociedade [...]”. Ou seja, o docente se encontra em um paradoxo em que reconhece que “cor/raça”, a altura, o peso corporal, dentre outros traços físicos aparecem como critérios importantes na obtenção de privilégios e vantagens, mas ele tende a acreditar que, com esforço e investimento pessoal, essa desvantagem tende a ser minimizada. Nesse sentido afirma:



Sequência narrativa 05

Sendo uma pessoa otimista, decidida e pronta a encarar os obstáculos para conseguir as metas traçadas, dediquei-me profundamente à formação de professor. [...] Com a lição recebida de meus pais, investi em mim, não medi esforços e vi no estudo uma forma de garantir um futuro melhor e menos problemático (Vencedor/ narrativa escrita).

É importante observar que esse sujeito da pesquisa se reconhece como alguém que independente das adversidades e dos lugares destinados, socialmente, ao negro, ele, isoladamente, venceu os obstáculos e alcançou os espaços almejados. Nesse sentido, a ênfase é dada ao indivíduo o qual deve se esforçar para superar as barreiras impostas pelo preconceito “raça/cor”. Ou melhor, esse entrevistado reconhece as suas características fenotípicas e sua ascendência negra. Ao considerar que seu esforço pessoal é o principal responsável por suas conquistas, desencana-se de seu grupo de pertença e das lutas organizadas pelas minorias (negros, índios, mulheres, homossexuais, dentre outras). Tais lutas, além de implicarem em reivindicações referentes a maiores oportunidades de acesso à cultura, à economia e aos processos decisórios da nação, também se reportam à adoção de uma imagem mais positiva e de quem não pertence ao grupo hegemônico.

Postulo que esse sujeito não se percebe como parte de uma coletividade em que o povo negro, na luta pela alternância do poder, fez uso de mecanismos de resistências para sobreviver ao regime escravista vivenciado no século XIX. Fato que nesse terreno movediço das relações de poder, vai se disseminando e produzindo novos efeitos de sentidos na sociedade líquido/moderna (BAUMAN, 2005).

Observe-se que, em outro momento de sua narrativa, ele evidencia: *nunca me senti derrotado e incapaz de estudar e conquistar a profissão que mais me encantava: professor*. Sintonizo a essa posição a noção de que esse sujeito precisou desconstruir certas relações de continuidade em que determinados grupos sociais, por exemplo, as mulheres, os índios e os negros, não tinham direito ao voto ou ao estudo e na busca da alternância do poder via saber, ele fez uso de estratégias de resistências, aqui ilustradas pelos saberes adquiridos na escola, para driblar os discursos vigentes. O que se caracteriza pela tônica nietzscheana de que, “por traz de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é a luta pelo poder” (SILVA, 2004, p. 171).



Na história de vida do professor Vencedor pressupõe-se um sujeito heterogêneo. Mesmo tendo sua história atravessada por um jogo de forças, em que o grupo hegemônico procurava afetar sua mobilidade, ele se diferencia de outros sujeitos e não aceita ser relegado à subalternidade. Assim, busca se inserir na ordem do discurso e por meio de seu crescimento pessoal, representado aqui pelos estudos, atinge a conquista de outros espaços que lhe estavam sendo negados.

3. O poder não é uma propriedade: Diálogo com Marreiro

Compreendo que todo espaço de poder pressupõe um espaço de resistência. Foucault (1984, p. 28) acresce que “a resistência é um elemento das relações estratégicas nas quais se constitui o poder. A resistência se apóia, na realidade, sobre a situação à qual combate”. Nessa perspectiva há uma rede discursiva de saberes e poderes que se expandem nas sociedades: saberes sobre medicina, economia, política, sexualidade, etnia, loucura etc. Esses e outros se multiplicam e se entrecruzam às relações de poder. Não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, nem saber que não pressuponha e não constitua relações de poder. Ou ainda:

O poder não é fechado, ele estabelece relações múltiplas de poder, caracterizando e constituindo o corpo social e, para que não desmorone, necessita de uma produção, acumulação, uma circulação e um funcionamento de um discurso sólido e convincente. "Somos obrigados pelo poder a produzir verdade", somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou encontrá-la [...] Estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é a lei, e produz o discurso da verdade que decide, transmite e reproduz, pelo menos em parte, efeitos de poder. O poder precisa da produção de discursos de verdade (FOUCAULT, 1988, p. 80).

O poder se estabelece em uma relação flutuante. Não se apoia em instituições, não está ancorado em nada fora de si mesmo. As relações de força são os principais elementos constitutivos do poder, ao passo que as relações de forma constituem o saber. Esse saber se sustenta em matérias, conteúdos, elementos formais que lhe são exteriores, como a luz, a linguagem, o olhar, a fala. Ele é apreensível, volumoso, ensinável, domesticável e produz



discursos de verdade que transmitem efeitos de poder. Por exemplo, as disciplinas escolares que se configuram em formas representativas da ordem escolar, para assegurar um tipo de cidadão considerado ideal a uma determinada sociedade (VEIGA-NETO, 2005).

A docente Marreiro se identifica como natural de Pendências, RN, 39 anos, negra, graduada em Pedagogia, professora há 18 anos, desempenhava, na época da construção dos dados, a função de supervisora. Exerce uma carga horária semanal de 60 horas em uma escola da rede municipal de ensino, na referida cidade e cursava Especialização em Metodologia da Educação Básica. Filha de agricultor e mãe ASG (auxiliar de serviços gerais), única mulher em uma família de sete irmãos, solteira com um relacionamento considerado estável com um homem branco. Cursa especialização porque busca novos conhecimentos e deseja a melhoria salarial.

Nessa discussão ao me referir à luta e às relações de poder, não me reporto a algo negativo, nem localizável, e sim penso em relações que podem ser exercidas em situações ímpares, por sujeitos sociais diversos, tendo em vista que o poder não se caracteriza como propriedade de ninguém. Na continuidade dessa discussão foco a “raça/cor”, a formação e os espaços profissionais como forças que se (inter) cruzam nas práticas discursivas. Para isso, parto da compreensão de que as identidades são flutuantes e nem sempre são equivalentes às escolhas individuais, visto que, em certos momentos, também podem ser “infladas e lançadas” pelos que se apresentam entorno dos sujeitos.

Na vida líquido-moderna, comprometer-se com uma identidade acreditando que ela será para toda a vida, ou até mesmo por um tempo muito duradouro é algo complicado. Isto porque “as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005, p. 96). Observe-se que em seu processo constitutivo identitário, a docente Marreiro vai se metamorfoseando:

Sequência narrativa 06

Meu nome é Marreiro,[...], única filha de sete irmãos. Sou negra, graduada em Pedagogia, professora há 18 anos e exerço no momento a função de supervisora numa escola da rede municipal de ensino, na referida cidade. Tive uma infância pobre, porém feliz, pois a minha família era grande. Só meu pai trabalhava para o sustento, surgindo assim, na maioria das vezes muitas dificuldades, mas com a força de meus pais procurava superá-las. Na época morava na zona rural e estudava, sofrendo preconceito por causa da cor e do cabelo, que era muito crespo [...] No ano de 1987



conclui o meu Ensino Médio e arranjei o meu primeiro emprego, que foi de professora, função que eu gostei muito. Apesar do preconceito sofrido na infância e com o primeiro namorado, na minha vida profissional não foi tão forte [...]. Em 2002 conclui a Faculdade de Pedagogia, na UFRN e hoje, 2007, estou fazendo especialização em Metodologia da Educação Básica. Enfrentei muitos obstáculos em minha vida, mas lutei e conquistei o meu espaço na sociedade. Apesar do preconceito que senti por parte de algumas pessoas por causa da cor e do cabelo, sinto-me realizada, pois lutei muito por cada espaço (Marreiro/ narrativa escrita).

Na contemporaneidade, o sujeito ao se constituir por identidades múltiplas e fragmentadas põe cada vez mais em questionamento as certezas, outrora firmadas. Assim, por meio de rupturas e descontinuidades a docente, após a identificação de quem ela se percebe ser na atualidade, *graduada em Pedagogia, professora, exercendo a função de supervisora*, começa a relacionar seu passado ao presente. Atravessada por uma memória discursiva faz uso de tempos verbais, no pretérito perfeito “tive” e pretérito imperfeito “trabalhava” “procurava”, “morava” e “estudava” e descreve acontecimentos que marcaram sua infância e que são assinalados por fases historicamente (inter) relacionadas: criança pobre, moradora da zona rural que vivenciou práticas discriminatórias/preconceituosas por causa de seus traços diacríticos.

Posteriormente, a conclusão do Ensino Médio e a conquista do primeiro emprego a impulsionaram a outras rupturas em sua história. As rupturas parecem se confirmar pela “diminuição” do preconceito e pela aquisição de saberes que lhe permitiram o ingresso em uma universidade pública. A conclusão do curso de Educação e, provavelmente, a exigência do mercado profissional instigaram-na a continuidade a seus estudos, investindo em um curso de especialização.

Com determinação, esforço e resistência, ela ultrapassa as imposturas sociais e rompe os bloqueios de raça, classe social e gênero, passando a transitar em outro segmento da sociedade brasileira: *Enfrentei muitos obstáculos em minha vida, mas lutei e conquistei o meu espaço na sociedade*. Fato que representa sua realização pessoal: *Apesar do preconceito que senti por parte de algumas pessoas por causa da cor e do cabelo, sinto-me realizada, pois lutei muito por cada espaço*. Outro elemento, a ser considerado na constituição dessa docente, é autoconfiança, que, mesmo em meio a um processo constitutivo fragmentado e conflituoso, ela constrói em sua trajetória de vida:



Sequência narrativa 07

Faz cinco anos que estou numa supervisão e sei que foi por capacidade minha. Estou também há cinco anos namorando uma pessoa que me respeita e me aceita do jeito que sou. Hoje me orgulho muito de ver a minha casa digna de receber qualquer pessoa; olhar a geladeira e escolher o que comer e quando comer, de ter condições e tratar os meus cabelos, pintá-los de vermelho que eu gosto, pois foi o maior preconceito sofrido. Hoje sou uma pessoa alegre, de bem com a vida e aprendi uma coisa muito importante: a cor da pele, o fio de meu cabelo, a minha classe social me fizeram LUTAR/ conquistar o respeito de uma sociedade capitalista e cheia de preconceito e isto eu devo a minha família que me fez valorizar cada parte de mim (Marreiro/ narrativa escrita).

Na batalha pela (re) significação de sua história, ela não estava sozinha, tinha o apoio moral de sua família. Sua constituição identitária envolve um processo de trocas entre a visão que ela, enquanto mulher e profissional negra, sua comunidade de pertença (os negros/as) construíram para si, como também a que outros sujeitos que se definem como brancos/as pensam a respeito dela. Esse processo se constitui intermediado por discursos e que se reflete por meio de múltiplas facetas. Observe-se que ao narrar sua história de vida, descreve-se como uma pessoa que teve uma trajetória ladeada por dificuldades financeiras e de locomoção, acompanhadas de preconceito social, por ser pobre e residir na zona rural e, preconceito etnicorracial, por ser negra.

Considero revelador de múltiplos sentidos, o fato de que os empecilhos não se constituíram em regra, em algo fixo em sua vida. Arelada às dificuldades, diferentes faces de sua trajetória foram se metamorfoseando. As transformações na vida dessa docente me direcionam a compreender que são as novas dimensões em que se insere que a faz se perceber como alguém que venceu. Ela conquistou moradia, alimentação, condições sociais para cuidar de sua beleza física e um namorado que a respeita independente de seu fenótipo. É nessa perspectiva que defendo a identidade como uma construção que ultrapassa a assimilação de valores, símbolos e outras referências. Ela (a identidade) também depende da interação que o sujeito estabelece consigo e com a sociedade. As constituições identitárias são subjetivas por isso tendem a ser constantemente modificadas ou remodeladas no processo das relações e posições sociais, tornando-se fluida, móvel, instável, híbrida, dentre outros. (OLIVEIRA, 2006). Esse processo de fluidez, mobilidade, instabilidade etc. se evidencia



mediante as variadas posições de sujeito que ela assume em busca de um espaço social diferente daquele que estava inserida.

Nesse sentido, é possível perceber que há uma imbricação entre a identidade pessoal e a social/profissional, pois a percepção que essa docente tem de si não se forma no vazio e sim, marcada pelas categorias de pertença, pela sua história de luta, pelos espaços conquistados e pela sua situação anterior e atual em relação aos outros. A esse respeito, Nóvoa (2000, p. 115) defende que “a identidade resulta de relações complexas que se tecem entre a definição de si e a percepção interior, entre o objetivo e o subjetivo, entre o eu e o outro, entre o social e o pessoal”.

A constituição identitária de Marreiro se deu na (inter) relação entre seus traços individuais e no convívio social, por um coletivo de lutas, de conflitos e de acontecimentos que se intersectam. Vejo que a identidade social/profissional dessa docente não se constituiu como algo fechado e sim, por meio de um processo, um lugar de construção, de maneiras de ser e estar na no mundo, na vida, na profissão. Essa vivência de Marreiro me conduz a pensar na influência da cultura em que os povos, nações e grupos sociais vivenciam uma multiplicidade de acontecimentos que podem uni-los, diferenciá-los, ou até mesmo separá-los. Os efeitos de sentidos que se evidenciam no discurso dessa docente é que seu processo de constituição identitária se deu marcado pelas diferenças fenotípicas indicadoras de seu pertencimento étnicorracial e social: “negra, cabelo ruim, pobre e moradora da zona rural.” Diferenças que contribuíram para que ela se percebesse rodeada por práticas racistas as quais são conseqüências do período escravocrata, no entanto sua persistência pode se configurar em um atraso cultural (HASENBALG, 2005).

A confluência entre o discurso da docente Marreiro (2007) e do autor Hasenbalg (2005) me orienta a inferir que, mesmo após mais de cem anos da abolição da escravidão, nas práticas discursivas a figura do negro, ainda aparece como a de alguém inferior e menos capaz. Ou seja, os traços diacríticos produzem efeitos de sentidos “negativos” no cotidiano das pessoas. Todavia, os estereótipos que circulam em certas épocas, determinados por relações de forças, em que um sujeito quer ser detentor do poder, não se configuraram em vontades de verdades para essa colaboradora da pesquisa.

A narrativa dessa docente é reveladora de que, no ontem e no hoje, a resistência negra norteou e norteia a vida dos que eram e muitas vezes, de forma diferenciada da época escravocrata, ainda lhe são negados espaços igualitários. A docente não se deixa atropelar por



determinadas imposturas e ancorada na pluralidade cultural e nas relações de poder constituídas por meio das relações familiares e profissionais, ressignifica as práticas discursivas que objetivam produzir sentidos restritivos em sua vida e evidencia: *Hoje sou uma pessoa alegre, de bem com a vida e aprendi uma coisa muito importante: a cor da pele, o fio de meu cabelo, a minha classe social me fez LUTAR/ conquistar o respeito de uma sociedade capitalista e cheia de preconceito e isto eu devo a minha família que me fez valorizar cada parte de mim.* Essa é uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, tanto em nível representacional quanto em nível do trabalho concreto.

4. Conclusão

Um dos possíveis efeitos de sentido é de que as identidades se constituem por meio de discursos, posições e práticas que em dados momentos de intersectam e em outros que são antagônicos. Assim, “as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito” (HALL, 2000, p. 112). Elas estão relacionadas não ao que o sujeito é, mas ao que ele se torna, elas se constituem do modo como eles são representados e como essa representação influencia na forma de se retratarem.

Convém frisar que, na ótica foucaultiana, há um entrelace entre o saber e o poder. E é por meio desse entrelace que se fez possível a configuração da sociedade disciplinar² como também, que foi permitido que os cuidados e preocupações com a disposição do espaço, com o controle do tempo, com a ininterrupta observação e vigilância atreladas à elaboração de

² Mudanças sociais ocorridas no séc. XVIII e XIX levaram a alterações do jogo do poder, que foi sendo gradativamente substituído pelo que Foucault denomina de sociedades disciplinares, as quais atingiram o seu apogeu no séc. XX. A passagem de uma forma de dominação a outra ocorreu quando a economia do poder percebeu ser mais eficaz e rentável vigiar do que punir. Duas imagens, portanto da disciplina. Num extremo, a disciplina - bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina - mecanismos: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das possíveis coerções para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre transformações históricas, em que sua multiplicação por meio de todo o corpo social repercute na formação do que se poderia chamar “a sociedade disciplinar”.



registros, à distinção de condutas e hábitos e à produção de conhecimentos específicos difundissem-se por todos os cantos e recantos (SILVA, 2007). Ou melhor, essa relação entre poder e saber se constitui de relações de forças por meio das quais os sujeitos sociais precisam compreender que o poder está em todos os lugares e se organiza de maneira em que as ações particulares modifiquem outras ações ou guiem a conduta de cada indivíduo.

As narrativas analisadas me autorizaram a afirmar que o sujeito nunca é portador de uma identidade fixa, estável, pois em sua trajetória de vida os significados sociais e culturais vão construindo a necessidade da assunção de diversos posicionamentos, diversas identidades, muitas vezes tensas, conflituosas e contraditórias. Por isso, compreendo que os sujeitos sociais, em específico os/as docentes colaboradores/as dessa pesquisa, se expressam a partir de lugares diferentes, como também que as identidades não emergem de um lugar central e sim, de uma multiplicidade de lugares (RAMOS-LOPES, 2010).

Referências

- ALBUQUERQUE & SILVA, Ana Emília Andrade. **Discriminação racial no trabalho**. São Paulo, LTR: 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005.
- FIGUEIREDO, Ângela. **Novas elites de cor**: estudo sobre os profissionais liberais de Salvador. São Paulo: Annablume, 2002.
- FOUCAULT, Michel. An Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; **The Advocate**, n. 400, 7 de agosto de 1984, p. 26-30 e 58. (Esta entrevista estava destinada à Revista Canadense Body Politic. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GILROY, Paul. **Entre campos**: nações culturas e fascínio da raça. Trad. Célia Maria Marinho de Azevedo et. Al. São Paulo: Annablume, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.



HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdade raciais no Brasil**. Traduzido por Patrick Burglin. Belo horizonte: Editora da UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher negra, professora universitária: trajetórias, conflitos e identidades**. Brasília: Líber Livro, 2006.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. **Identidade e resistência no urbano: o Quarteirão do Soul em Belo Horizonte**. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O sujeito da educação: estudos Foucaultianos**. 5a ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.